



## VIOLÊNCIA E RIZOMA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PARA A HISTÓRIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3678

Júlio César Franco, UNICENTRO  
Dalvana Fernandes, UNICENTRO  
Hélio Sochodolak, UNICENTRO

### Resumo

As reflexões teóricas sobre a violência circundam um campo amplo de perspectivas. Os estudos sobre este fenômeno não se fecham a uma disciplina, transitam entre a História, Filosofia, Sociologia, Criminologia, Psicologia, etc. A violência pode ser compreendida como estrutural ou como meio, legítima, quando o Estado exerce um poder da violência e ilegítima quando é praticada pelos sujeitos que não possuem esse poder. Todavia, esta concepção não contempla discussões amplas sobre as inúmeras práticas da violência, seus efeitos e suas aparições. Entendemos que é necessário buscar o aporte conceitual de outros autores para ampliar a reflexão sobre a violência, de forma a compreender outros fenômenos adjacentes, transversais que a violência irrompe. Destarte, pensar a violência enquanto rizoma, modelo proposto por Deleuze e Guattari, permite compreender a positividade, a criatividade, não como simples decalcomania, imagens já desenhadas no tecido social, a árvore-raiz, mas sim como rizoma que incita, suscita, explode em linhas de fuga e constitui segmentaridades improváveis e aleatórias. O objetivo aqui é contribuir com as reflexões sobre a violência e suas relações com a história, admitindo que a violência pode ser positiva. Não se resume apenas ao ato violento, a força física investida em algo ou outrem, ela cria, produz, permite visibilidades.

### Palavras Chave:

teoria da história;  
NUHVI; história da  
violência.

## Introdução

Este trabalho faz parte das discussões sobre a História da violência, realizadas junto ao Núcleo de Estudos em História da Violência – NUHVI.<sup>1</sup> Os debates em torno das práticas de violência e do próprio conceito são os objetivos das pesquisas realizadas. Os temas em voga estão inseridos em cotidiano, espaços, práticas, tragicidade e sociabilidades pensados a partir da violência.

Como parte de um projeto maior, este trabalho busca compreender algumas concepções de violência, direcionando a uma análise desta a partir de um rizoma. Procuramos contribuir para as reflexões sobre a história da violência e pesquisas desenvolvidas pelo NUHVI.

A violência geralmente atrelada ao exercício ou domínio do poder, de forma negativa, perdurou nas pesquisas em História. Essas compreensões respondem a questões pontuais de uma demanda histórica e de um lugar social específico como aponta Michel de Certeau (2015) com relação as operações historiográficas. Todavia, em nosso lugar social e demanda histórica nos permite pensar outras formas de violência, não somente como negativa e destruidora, mas também como produtiva, positiva ou criativa.

Destarte, conduzimos a reflexão abordando alguns pressupostos sobre a violência que transitam na História, Filosofia e Sociologia, que à compreendem frequentemente associada ao poder de Estado, pensado num aspecto macro. Pontuamos alguns autores que pensaram desta forma, com as discussões sobre monopólio da violência, prática legítima e ilegítima, Estado e poder.

Em outro momento procuramos compreender a violência sob a outra face, a violência criativa e positiva presente nas

práticas sociais. Uma dinâmica da violência como afirma Maffesoli (1987), onde o fenômeno representa um papel social e possui utilidade.

Tendo essas concepções, podemos pensar a partir do rizoma de Deleuze e Guattari, um outro olhar sobre a violência. Está não precisa ser compreendida por estruturas, como uma árvore-raiz, decalcada em uma relação binária. Aqui, a multiplicidade, permite compreender a violência como um rizoma.

Não afirmamos em momento algum durante o texto que a violência deva ser aceita ou pensá-la como inevitável, não faremos apologia e nem deve ser entendida assim. Não compreender sua relação multifacetada nos limita enquanto sujeitos que podem (devem) provocar mudanças. Grande erro seria considerar a violência, *a priori*, como bom ou mau, essa relação já está deturpada para nosso propósito.

## Violência e Estado: uma breve constatação

As pesquisas que envolvem a violência se dissipam por várias disciplinas como na História, Filosofia, Sociologia, Psicologia, entre outras. O ponto que converge entre ambas é seu aparecimento nas relações sociais, porém cada um com sua especificidade, seja como movimento histórico, conjuntural, estrutural, patológico, etc. Procuramos discutir neste primeiro momento algumas concepções sobre a violência, para nos dar substância para a proposta de pensar a violência enquanto um rizoma.

Para iniciarmos as reflexões, analisemos brevemente algumas das longas teses que trabalharam com a violência e contribuíram para pensar vários pontos sobre esse tema. A **História da violência** de Robert Muchembled

---

<sup>1</sup> O Núcleo de Estudo em História da Violência – NUHVI, coordenado pelos Professores Dr. Hélio

Sochodolak e Valter Martins, foi aprovado e financiado pela CNPq em 2016.

(2012), é um bom exemplo para iniciarmos. O autor levantou questões sobre a história violência, onde indaga sobre o inatismo, suas aparições e modelos de controle na Europa que evidenciariam sete séculos – fim da idade média ao século XXI – de declínio da violência homicida.

Muchembled (2012), a partir da análise do fenômeno da violência, encontrou elementos que permitiram compreendê-la como algo potencialmente masculino. Através de um longo levantamento quantitativo dos registros de homicídio, constatou que a maior parte dos crimes eram cometidos por homens jovens entre 20-30 anos. Por via de regra, a violência homicida estava relacionada rituais de virilidade, honra e iniciação da vida adulta destes jovens “machos”.

A violência para Muchembled (2012), não afirma ser inata, pois não é trabalho do historiador compreendê-la desta forma, ela é histórica e deve ser analisada assim pela História. Compreendê-la no espaço-tempo, possibilita entender as formas como ela é tratada, praticada, reprimida e transformada.

As várias formas identificadas pelo autor, pressupõem que a queda da violência homicida na Europa estava frequentemente associada a uma transformação da mesma. Coloca-se o homicídio como tabu maior, com intervenções do Estado, sacralizando a vida. São vários exemplos trabalhado por Muchembled (2012), como as práticas do duelo, a literatura sanguinária, entre outras que compõem um fundo de práticas que surgem paralelas as técnicas de domesticação e controle da violência na Europa.

Na sociologia encontramos Norbert Elias, que em seu *magnum opus*, **O processo civilizador** (1993), discute um processo que buscou a civilização dos costumes, isso a partir da constituição dos Estados-nação. Assim, dedicou-se a compreender um processo que agia sobre

os costumes, pensamentos e sentimentos

Mostrando como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimento de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e efetiva por um firme autocontrole se cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (ELIAS, 1993, p. 193-194)

Concomitante, às ações do Estado em controlar a violência institui racionalmente um monopólio da violência. O Estado possui o poder de utilizar a violência sob o pretexto de manutenção da ordem e controle da sociedade, enquanto na esfera privada e cotidiana, as práticas de violência – consideradas ilegítimas – ainda ocorrem e são reprimidas.

Para Elias (1993, p. 198) a força física e a violência estão interligados. Todavia, com o processo civilizador, “criam-se espaços sociais pacificados” onde essa relação de força e violência estão separadas. “A violência física é confinada aos quartéis, de onde irrompe apenas em casos extremos, em tempos de guerra ou sublevação, penetrando na vida do indivíduo.” (ELIAS, 1993, p. 200)

Este processo civilizador, instituiu uma racionalidade para o controle dessa violência (i)legítima, projetando-a no corpo social. Aqui a violência é combatida pela vergonha e repugnância, assim como muitas outras práticas consideradas não-civilizadas.

Destarte, podemos observar uma relação binária da violência. Aqui o Estado possui um poder pelo qual monopoliza a violência para sua manutenção em uma relação que reprime outras formas com ferramentas específicas. Essas por sua vez já internalizadas socialmente e são acionadas quando necessárias.

Outro autor que destacamos é Michel Maffesoli com **A dinâmica da violência** (1987). Este autor propôs pensar alguns aspectos da violência que fogem das recorrentes análises, como por exemplo, o papel criativo da violência, como forma social e o fenômeno da dissidência como destruição útil. Tudo isso interligado ao propósito de manutenção e catarse social. Lançando uma metáfora que exemplifica seu objetivo ao pensar a violência:

[...] podemos dizer que ela pertence a essa parte sombria como o costado pertence a um navio: ela está escondida, importante, é o lugar onde o maquinário é ativado, numa palavra, é graças a ela que a embarcação (social) resiste e navega.” (MAFFESOLI, 1987, p. 41)

Indagar a violência como papel social, em sua sociologia especulativa, Maffesoli aponta algumas características de sua análise. A primeira é o fenômeno da dissidência onde apontou uma utilidade da violência como efeito catártico e renovador da estrutura social. Este efeito converte a violência original em ritos que buscam purgar os efeitos produzindo um aspecto positivo, a manutenção da estrutura social. (MAFFESOLI, 1987, p.25)

Nesta relação, o autor aponta uma ambiguidade da violência, ela é útil e destrutível. Todavia, a funcionalidade ocorre por um equilíbrio que promove a manutenção, há uma racionalidade na violência.

O que mais está em questão é a racionalização dessa violência criadora, renovadora, da qual o mito e as histórias nos falam, em uma violência estritamente utilitária, o que significa que uma estruturação

social vai se organizar a partir da institucionalização da violência (Estado), de sua repressão (prisão-justiça), de sua utilização (Trabalho social), de sua parcelarização (meio), etc. (MAFFESOLI, 1987, p. 36)

Michel Foucault é outro autor que consideramos pelo modo como pensou e analisou a violência. A forma como trabalhou com a violência – não remetendo estritamente a isso –, permitiu compreender como o fenômeno aparece quando imerso nas relações de poder/saber, nos micropoderes dentro dos dispositivos disciplinares e no poder de punir. Suas concepções, já não remetem a uma estrutura, essas relações permitem movimentações e rupturas drásticas no decorrer histórico.

Em **Vigiar e punir** (2013) Foucault, pegamos como exemplo, onde demonstrou como no século XVII<sup>2</sup> ocorre um fenômeno onde os crimes se tornam menos violentos assim como as punições, só que está “...à custa de múltiplas intervenções”. (FOUCAULT, 2013, p. 73) No século XVIII a uma mudança na organização da delinquência com a formação dos grandes bandos, onde era poupado as manifestações de forças mais drásticas e coléricas a fins de tornarem despercebidos perante o poder de punir, no mesmo período os reformadores do direito propunham punições mais “humanistas”. Uma criminalidade das margens onde há uma passagem dos crimes de sangue para crimes de fraude que

[...] figuram o desenvolvimento da produção, o aumento das riquezas, uma valorização jurídica e moral maior das relações de propriedade, métodos de vigilância mais rigorosos, um policiamento mais estreito da população [...]

---

<sup>2</sup> O século XVII e XVIII representam um período francês onde os crimes contra o rei eram punidos com o suplício. O efeito desta punição remetia a uma ostentação do poder do monarca a

partir da violência corporal ritualizada e assistida pela população, servindo de exemplo aos demais. Um dos pontos levantados por Foucault, é que nesse período quase todo crimes era um crime contra o rei. (Cf. FOUCAULT, 2013, p. 9-67)

(FOUCAULT, 2013, p. 75)

A relação apontada por Foucault, permite refletir a violência exercida e o poder de punir em uma outra relação a de crime/punição. Essa relação a partir do século XIX, parece funcionar de modo onde a violência perde intensidade colérica, fazendo com que a punição perca intensidade também. Isso se dá, como afirma Deleuze (2013) uma vez que o poder “[...] não opera necessariamente através da violência e da repressão quando se dirige aos corpos. Ou melhor, a violência exprime o efeito de uma força sobre qualquer coisa, objeto ou ser.” (DELEUZE, 2013, p. 38) Se a violência dos crimes se abrandam o poder de punir abrandam as punições e vice-versa.

Esse breve levantamento sobre a violência, sem uma delimitação espaço-temporal, se justifica pela hipótese que lançamos, pensar a violência a partir do rizoma. A análise teórica que foi proposta busca compreender as ideias da violência sem rejeitá-las. Na reflexão que segue, procuremos observar como o rizoma de Deleuze e Guattari, permite lançar um olhar sobre essas ideias e como pode contribuir para pensar a história da violência.

### A violência e o rizoma

Pensar a violência como rizoma ou partir de um, certamente torna uma reflexão abstrata, mas não irreal. O rizoma, conceito utilizado por Deleuze e Guattari, **Mil Platôs**<sup>3</sup>, principalmente em sua introdução no primeiro volume

Antes de adentrar à reflexão mais densa, procuremos compreender o rizoma em Deleuze e Guattari. A própria produção de **Mil Platôs**, é afirmada pelos autores como um rizoma, no qual as teses podem ser lidas independente da ordem pública – exceto a conclusão. Essa é uma das características de um rizoma, não ser estrutural e pontuado, um rizoma são

linhas de multiplicidades, é o oposto a árvore que formam raízes, troncos e galhos sempre retornando a um centro. O rizoma como afirma Deleuze e Guattari.

“[...] nele mesmo tem formas diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam um sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22).

Para deixar mais claro o conceito, os autores numeraram alguns princípios característicos do rizoma. E para a reflexão utilizemos os autores anteriormente citado e alguns exemplos hipotéticos.

Princípios de conexão e heterogeneidade onde qualquer linha do rizoma pode ser rompida e reconectada a qualquer outra em qualquer momento sem uma ordem. Pensando isso no campo social “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22-23).

Princípio de multiplicidade – como afirmam no texto deve ser compreendido como substantivo – onde o que compete é as “[...] determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 22) Essas transmutações ocorrem por meio de agenciamentos. Para Deleuze e Guattari:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa

<sup>3</sup> Teses que dão sequência a **Anti-Édipo** (1972).

árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24)

Essas linhas são definidas pelo princípio de exterioridade “[...] pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual ela mudam de natureza ao se conectarem às outras.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24).

Um outro princípio, o de ruptura assignificante, nos cabe também neste texto com relação a reflexão sobre a violência onde:

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em algum lugar e segundo outras linhas. É impossível exterminar formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que deixe de se construir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridades segundo as quais é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais fogem sem parar. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25)

Como na metáfora de Maffesoli (1987, p. 41), a violência está na sociedade como o maquinário está na embarcação fazendo-o navegar. Essa máquina depende de todo um conjunto para que funcione e se algum incidente acontece, muda as formas de navegação. Assim na sociedade a violência aparece e transita em um conjunto, mas não impede que altere a rota por conveniência ou necessidade tomando novas formas para que não cesse de se conectar, desterritorializar, reterritorializar, estar em fuga.

Essas linhas são possíveis de observar quando a violência “territorializada”, como por exemplo uma briga de bar é rompida por outra força – policial, pessoal, ou outra qualquer. Ela pode promover uma desterritorialização, podendo transformar a violência em riso

ou antipatia e reterritorializar em outro momento e em outro espaço. Aqui por sua vez pode conectar a uma aleatoriedade de desfechos, onde pode ocorrer a rememoração do fato, a transformação da violência em um outro tipo como a exclusão, rejeição que atuara pelo estigma, ou um desfecho fatal onde ocorre a violência novamente com mais intensidade. Quando ocorre novas conexões ela não se reporta ao mesmo significado anterior, é heterogêneo, estas linhas podem se conectar de onde se desconectaram, porém, como no ditado de Heráclito, “O homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o homem é o mesmo homem”.

Estes princípios também permite refletir sobre a questão do processo civilizador de controle dos costumes e da violência, ao estratificar determinando tipos de violência legítima e ilegítima. Porém, pode observá-la mais a fundo, onde a prática da violência ilegítima, pode ocorrer o que Michel de Certeau (1998, p. 46-47) afirmava em **A invenção do cotidiano** como tática, a artimanha onde os sujeitos confrontam as estratégias produzindo e praticando de forma fragmentada: “a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no vóo’ possibilidades de ganho”. (CERTEAU, 1998, p. 46-47) Essas táticas causam desterritorialização, elas rompem com a segmentaridade das estratégias, explodem em linhas de fuga onde, nesta reflexão, a violência vai tomar outro caráter e podendo mudar até mesmo de natureza.

Como exemplo, o que Muchembled (2012) e Elias (1993) trabalharam sobre um processo de controle, as práticas violentas de sangue não cessam pela repressão e controle, agora se tornam patológicas. As práticas podem diminuir, mas também, podem ser convertidas em outras formas. Se transformam seguindo outras linhas, são produzidos bodes expiatórios, para usar o termo de René Girard (1990), onde a violência muda seu foco para animais ou

humanos e agora também sob outras práticas como esportes, ou em níveis mais fictícios como literatura, cinema e arte.

O ponto é, a contenção, os meios e técnicas não significam a extinção da violência, ela formam novas linhas de fuga que traduzem em outras formas que estão em constante devir. Foucault em **Vigiar e punir** (2013), permite compreender essa transformação da violência, onde ela não se encontra estática, mas sim se transforma junto com o poder de punir e ao poder disciplinar que atua como máquina abstrata que causam essas transformações.

Até que ponto a transmutação da violência física aleatória para uma controlada não seria um ponto positivo? O seu efeito seria catártico também? Uma coisa é certa, as formas como a violência é reprimida somente se tornam combustível para explodir em outras formas, sejam elas controladas ou não, mais ou menos intensas e/ou significativas. Todavia, também ocorre a possibilidade de resolver a violência.

Um último princípio do rizoma, a cartografia, nos dá a chave para a reflexão ser mais concisa que “[...] não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.29) O rizoma não é determinado por pontos estruturais, ele é um mapa, não um decalque já traçado que liga pontos. Esse mapa proposto, ao modelo cartográfico é complexo porém inteligível e possui características que são válidas para nossa reflexão.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível a receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, grupo, uma formação social. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 30)

Todos os princípios anteriores

são aplicados juntos a este, é a cartografia que torna possível uma reflexão mais apurada e visível. É aqui que o rizoma faz sentido e contribuem para um olhar sobre diversos objetos de pesquisa, no caso aqui a violência. Esse mapa, que é possível com o rizoma permite compreender um movimento na história que não é levado em consideração muitas vezes. Para a História, utilizar este conceito não é uma tarefa muito fácil, perigoso cair em fundamentos que não condizem nem com a historiografia e nem com o conceito. Observar violência como rizoma é uma tarefa de cartografá-la.

Todavia, para uma História da violência, o método e teoria de Deleuze e Guattari podem contribuir substancialmente para a escrita da história. Como Graebin e Viegas (2012), coadunamos com uma história rizomática, permitindo que “Percebemos que as linhas, para além de como cortam o território, fazem conexões entre si. [...] um historiador pode explicar de que modo os mapas que ele monta no tempo podem ser agenciados [...]” (GRAEBIN, VIEGAS, 2012, p.138)

## Considerações Finais

Pensar a violência a partir do rizoma, não produz fins puramente acadêmicos científicos. A tarefa de discutir as concepções de violência a partir de produções intelectuais e propor outras formas que complementem ou abram novos caminhos, caminham conforme e nos serve de metáfora, o que Deleuze e Guattari (2012, p. 192) apontaram “[...] devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças a misturas entre si [...]. São esses espaços lisos (conhecimento acadêmico) que se transformam em espaços estriados (busca pessoal, novos olhares, novos métodos e perspectivas), e vice versa, que traduzem o objetivo deste trabalho.

Cartografar, observar o rizoma e perceber o movimento da violência são formas que podem contribuir para pensar

na História. Contudo, não deixar que somente flores façam um jardim, não podemos simplesmente abandonar as outras concepções sobre a violência, pois essas já fazem parte deste mapa. Saber como utilizar ambas as concepções e métodos aqui discutidos sem comprometer o saber, se torna essencial para não produzir narrativas fantasiosas e irreais.

Mas para além, também promove formas de observar e refletir as próprias experiências e identificar as multifaces da violência em nosso cotidiano. As linhas que estão em fuga e que são agenciadas em várias práticas que muitas vezes desapercibidas.

A filosofia de Deleuze e Guattari nos permite um outro olhar sobre a violência assim como outras concepções. É um processo de reconhecimento e de desterritorialização de si mesmo, assim compreender e observar a violência como o proposto, também é observar como praticamos a violência sob outras faces que não a física. Assim, procurar repensar as próprias concepções que muitas vezes estão tão enraizadas quanto uma árvore velha.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. 3ª ed.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora vozes, 1998. 3ª ed.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista do Tribunais; Edições Vértice, 1987.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª ed. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2012. 2ª ed. (Coleção TRANS).

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; VIEGAS, Danielle Heberle. Por uma história rizomática: apontamentos teórico-metodológicos sobre a prática de uma cartografia. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 123-142, jan./jun. 2012.